



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ
INSTITUTO DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA DAS ÁGUAS
BACHARELADO EM GESTÃO AMBIENTAL**

TAINÁ SANTOS FIGUEIRA

**PERFIL DOS VISITANTES NA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS, PARÁ,
BRASIL**

**SANTARÉM- PA
2022**

TAINÁ SANTOS FIGUEIRA

**PERFIL DOS VISITANTES NA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS, PARÁ,
BRASIL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental para obtenção do grau de bacharela em Gestão Ambiental; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências e Tecnologia das Águas.

Orientadora: Dra. Quêzia Leandro de Moura Guerreiro

Coorientadora: Ma. Maria Jociléia Soares da Silva

SANTARÉM-PA

2022

TAINÁ SANTOS FIGUEIRA

PERFIL DOS VISITANTES NA FLORESTA NACIONAL DO TAPAJÓS, PARÁ, BRASIL

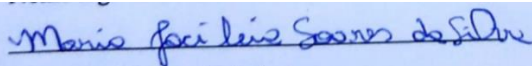
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Bacharelado em Gestão Ambiental para obtenção do grau de bacharela em Gestão Ambiental; Universidade Federal do Oeste do Pará, Instituto de Ciências e Tecnologia das Águas.

Conceito: 9,7

Data da Aprovação 14 / 01/ 2022



Dra. Quêzia Leandro de Moura Guerreiro- Orientador (a)
Universidade Federal do Oeste do Pará



Ma. Maria Jociléia Soares da Silva- Coorientador (a)
Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade



Dra. Glauce Vitor da Silva
Universidade Federal do Oeste do Pará



Dra. Jasmine Cardozo Moreira
Universidade Estadual de Ponta Grossa

RESUMO

A Floresta Nacional do Tapajós é uma das Unidades de Conservação mais visitadas na Região Norte do Brasil e tem como um dos seus objetivos a promoção do turismo de base comunitária. Considerando a variedade no perfil de visitantes que a frequenta, realizou-se o presente estudo, que buscou avaliar o perfil do visitante nas comunidades São Domingos, Maguari, Jamaraquá e no Site Demonstrativo do Terra Rica, além de identificar suas expectativas, experiências motivações e os segmentos turísticos desenvolvidos nas mesmas. Para a coleta de dados foi utilizado o questionário, aplicado nas comunidades durante os meses de dezembro de 2020 a julho de 2021. A maioria dos entrevistados são mulheres, a faixa etária dos visitantes é entre 21 e 30 anos, a renda mensal é superior a três salários mínimos, possuem alto nível de escolaridade e os estados emissores com maior destaque foram o Pará e São Paulo. Os entrevistados interpretam sua experiência como “ecoturismo” ou “turismo de natureza” e avaliaram positivamente sua experiência. O estudo mostrou que os visitantes da Floresta Nacional do Tapajós estão divididos basicamente entre excursionistas e turistas. É necessário adoção de estratégias que melhorem o número de visitantes e sua experiência no local.

Palavras-Chave: Visitante. Unidades de conservação. Segmentação turística.

ABSTRACT

The Tapajós National Forest is one of the most visited Conservation Units in the Northern Region of Brazil and has as one of its objectives the promotion of community-based tourism. Considering the variety in the profile of visitors that frequent it, this study sought to evaluate the visitor profile in the communities São Domingos, Maguari, Jamaraquá and in the Demonstrative Site of Terra Rica, as well as to identify their expectations, experiences, motivations and the tourism segments that operate there. For data collection a questionnaire was used, applied during the months of December 2020 to July 2021. Most visitors are women, the age range of visitors is between 21 and 30 years old, their monthly income is higher than three minimum wages, they have a high level of education, and the most prominent issuing states were Pará and São Paulo. The interviewees interpreted their experience as "ecotourism" or "nature tourism" and evaluated their experience positively. The study showed that visitors to the Tapajós National Forest are basically divided between hikers and tourists. It is necessary to adopt strategies to improve the number of visitors and their experience at the site.

Keywords: Visitor. Protected areas. Tourism segmentation.

RESUMEN

El Bosque Nacional Tapajós es una de las Unidades de Conservación más visitadas del Norte de Brasil y uno de sus objetivos es promover el turismo comunitario. Considerando la variedad en el perfil de los visitantes que lo visitan, se realizó este estudio, que buscó evaluar el perfil del visitante en las comunidades de São Domingos, Maguari, Jamaraquá y en el Sitio Demostrativo Terra Rica, además de identificar sus expectativas, experiencias, motivaciones y los segmentos turísticos que operan en ellas. Para la recolección de datos se utilizó un cuestionario, aplicado durante los meses de diciembre de 2020 a julio de 2021. La mayoría de visitantes son mujeres, el rango de edad de los visitantes es entre 21 y 30 años, el ingreso mensual es de más de tres salarios mínimos, tener un alto nivel de educación y los estados emisores más destacados fueron Pará y São Paulo. Los encuestados interpretaron su experiencia como “ecoturismo” o “turismo de naturaleza” y evaluaron positivamente su experiencia. El estudio mostró que los visitantes del Bosque Nacional Tapajós se dividen básicamente entre excursionistas y turistas. Es necesario adoptar estrategias que mejoren la cantidad de visitantes y su experiencia en el sitio.

Palabras Clave: Visitante. Unidades de conservación. Segmentación turística.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. MATERIAL E MÉTODO	10
2.1 Área de Estudo.....	10
2.2 Tipo de Pesquisa e Coleta de Dados.....	12
2.3 Desenho Amostral.....	13
2.4 Análise de Dados	14
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	14
3.1 Aspectos socioeconômicos dos visitantes	14
3.2 Experiências, expectativas e motivação dos visitantes	19
4. CONCLUSÃO	26
REFERÊNCIAS	28

1. INTRODUÇÃO¹

A Organização Mundial do Turismo (OMT) define o turismo como um conjunto de atividades que as pessoas realizam durante viagens ou estadas em localidades distintas de onde residem, por um período inferior a um ano, tendo como objetivo o lazer ou outras motivações que não estejam relacionadas com atividade remunerada (OMT, 2001). Na sociedade contemporânea o turismo foi consolidado como a atividade de lazer que envolve milhões de pessoas e transformou-se em um fenômeno com complexidade social de alcance global que vai além de uma atividade que agrega desenvolvimento socioeconômico e se mostra como um grande desafio para iniciativas de projetos que visam a proteção do meio ambiente, a valorização da cultura local das comunidades receptoras, inclusão social e a distribuição justa dos benefícios econômicos recebidos através da atividade turística (Pinheiro & Morais, 2016).

Segundo Figueiredo & Nobrega (2015) o turismo é uma perspectiva de processo e ação por meio das experiências causadas pelo deslocamento, pela viagem e pelo contato com os prestadores de serviço, moradores locais e outros turistas. Sendo assim, o turismo, independentemente de suas formas de expressão ou segmento, pode causar uma interferência direta na dinâmica socioambiental do seu lugar de realização.

A atividade turística deve difundir e promover informações sobre a localidade visitada (valores naturais, culturais e sociais) e propiciar a integração social. A visita de um turista é capaz de modificar tanto a sua realidade quanto a da comunidade local, o que pode levar a efeitos positivos ou adversos (Hamoy, *et al.*, 2016).

No Brasil, o Ministério do turismo (MTur) segue o modelo de gestão integrada e descentralizada do turismo que foi implementado em meados dos anos 2000 e em uso até os dias atuais, este é fundamental para o avanço da atividade em diferentes regiões, estados e municípios e para disseminação de iniciativas que favorecem o crescimento da competitividade no país (MTur, 2021a). O setor de turismo e viagens nas últimas décadas desempenha uma considerável condução para a economia global, com a contribuição de mais de 10 % do PIB mundial, estimulando 1 em cada 10 postos de trabalho (Crotti & Misrahi, 2017).

Segundo dados do Anuário Estatístico de Turismo 2020 o turismo receptivo ou

¹ O artigo apresentado foi formatado conforme as diretrizes de submissão da revista Biodiversidade Brasileira. As normas indicadas para a redação de artigos pela revista estão disponíveis no link: https://www.icmbio.gov.br/portal/images/stories/ORIENTACOES_PARA_SUBMISSAO_DIRETRIZES_E_NORMAS.pdf.

internacional para o ano de 2019 no Brasil recebeu 6.353.141 turistas, sendo os Estados do Rio de Janeiro e São Paulo os que mais receberam turistas, com respectivamente 2.358.979 e 1.252.267 (MTur, 2021b).

Na Região Norte do país, os estados do Pará e Amazonas concentram os maiores fluxos de visitantes, em decorrência de suas grandes diversidades culturais e paisagísticas naturais. No ano de 2016 o Pará chegou à marca de 1 milhão de turistas, o que compreende um avanço e um resultado extremamente positivo, efeito das ações de planejamento que envolvem políticas direcionadas ao desenvolvimento do setor, da qualificação dos serviços e da estruturação dos destinos turísticos implementados pela Secretaria de Estado de Turismo (SeTur, 2017).

O turismo, para fins de seu planejamento e gestão, apresenta segmentações, podendo ser estabelecidas a partir dos elementos de identidade da oferta e das características e variáveis da demanda. Com enfoque na demanda, a segmentação é definida por identificar grupos distintos de consumidores separados por suas especificidades em relação a aspectos que norteiam suas decisões, preferências e motivações (MTur, 2017).

O Ministério do Turismo destacou os seguintes segmentos turísticos de oferta: o ecoturismo, turismo de aventura, cultural, rural, náutico, de sol e praia, de negócios e eventos, de estudos e intercâmbio, de esporte, de pesca, de saúde entre outros (MTur, 2017). No Brasil, o conjunto de segmentos “natureza, ecoturismo ou aventura” é o segundo com maior demanda turística internacional, ficando somente atrás do segmento “sol e praia” que também acontece em destinos onde há Áreas Protegidas (MTur, 2018).

O Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) é responsável pela gestão de 334 Unidades de Conservação (UCs) federais que abrangem mais de 79 milhões de hectares, que representa 11% do território nacional, que inclui o terrestre e o bioma marinho costeiro que corresponde a 2%. A maioria dessas áreas são destinos recreativos para visitantes de todo o país e de outras partes do mundo, dentre elas a Floresta Nacional do Tapajós (ICMBio 2017, 2021).

De acordo com ICMBio (2018a) os segmentos turísticos são oferecidos em Unidades de Conservação através do Turismo de Base Comunitária (TBC) que prioriza o protagonismo da comunidade na gestão da visitação, o que traz benefícios coletivos e proporciona uma vivência intercultural, além da qualidade de vida e valorização da história e da cultura dessas populações, bem como a utilização sustentável, para fins recreativos e educativos dos recursos da Unidade de Conservação.

Essas UCs são dotadas de instrumentos de gestão voltados para o ordenamento da visitação e melhoria dos serviços prestados aos diversos usuários, sendo o principal deles os Planos de Manejo, documento esse que orienta a administração das UCs e definem os programas e temas prioritários a serem tratados pelo órgão gestor desses espaços, dentre eles, o Uso Público programa responsável pela gestão do turismo na área. (ICMBio, 2018b). A promoção do turismo em contato com a natureza e com a cultura dos povos e comunidades tradicionais é um dos objetivos específicos da Floresta Nacional do Tapajós (Flona do Tapajós), sendo também fundamental para o alcance de sua visão de futuro para torná-la um modelo de uso sustentável na Amazônia (ICMBio, 2019).

A Flona do Tapajós é uma das áreas mais visitadas na região norte do Brasil, sendo que em 2017 e 2018 foram mais de 40 mil visitantes entre turistas, pesquisadores, estudantes e outros usuários. No ano de 2019 foram aproximadamente 23 mil visitas apenas de usuários que acessaram a UC para fins recreativo, desportivo, educacional, cultural ou religioso, entre outras formas de utilização indireta dos recursos naturais e culturais (ICMBio, 2020a, 2020b).

Neste sentido, Niefer (2002) acredita ser imprescindível que se conheça as características dos visitantes em UCs, para auxiliar o planejamento da visitação pública na área e tornar satisfatória a experiência turística. Para que haja o planejamento e manejo do ecoturismo em áreas protegidas, é fundamental que se conheça o perfil do turista que visita a área, além de investigar sua percepção, motivações, expectativas, atitudes, valores e condutas.

Considerando então a necessidade de gerar informações para contribuir com a implementação do programa de uso público da Flona do Tapajós e supondo que existem diferenças no perfil de visitantes que frequentam as diversas áreas destinadas para a visitação nesta UC, realizou-se o presente estudo, que teve como objetivo avaliar o perfil do visitante dessa UC nas comunidades São Domingos, Maguari, Jamaraquá e no Site Demonstrativo do Terra Rica, além de elencar suas expectativas e experiências, verificar se o visitante tem ciência que a sua experiência ocorre em uma área legalmente protegida, identificar a motivação da visita e os segmentos turísticos que atuam na UC.

2. MATERIAL E MÉTODO

2.1 Área de Estudo

A pesquisa foi realizada nas comunidades de São Domingos, Maguari e Jamaraquá e no Site demonstrativo do Terra Rica, localizados na área de uso e ocupação de comunidades ribeirinhas (Fig. 1). As comunidades escolhidas para a realização do estudo foram as que mais receberam visitantes no ano de 2019, conforme apontado no monitoramento da visitação realizado pelo ICMBio. O acesso às comunidades e ao Site demonstrativo do Terra Rica ocorre através das bases de acesso a UC localizadas em São Domingos e no km 67 da rodovia BR 163, respectivamente.

A Flona do Tapajós faz parte da região hidrográfica amazônica e encontra-se localizada a 50 km ao sul da cidade de Santarém, principal centro urbano próximo à UC, no Oeste do estado do Pará. Geopoliticamente, ocupa parte dos municípios de Belterra, Aveiro, Rurópolis e Placas, na Amazônia Oriental (Oliveira *et al.*, 2011). Nela residem cerca de mil famílias, distribuídas em 23 comunidades e três aldeias indígenas. As famílias desenvolvem diversas atividades produtivas, como o manejo florestal comunitário, o agroextrativismo e o TBC (ICMBio, 2020a).

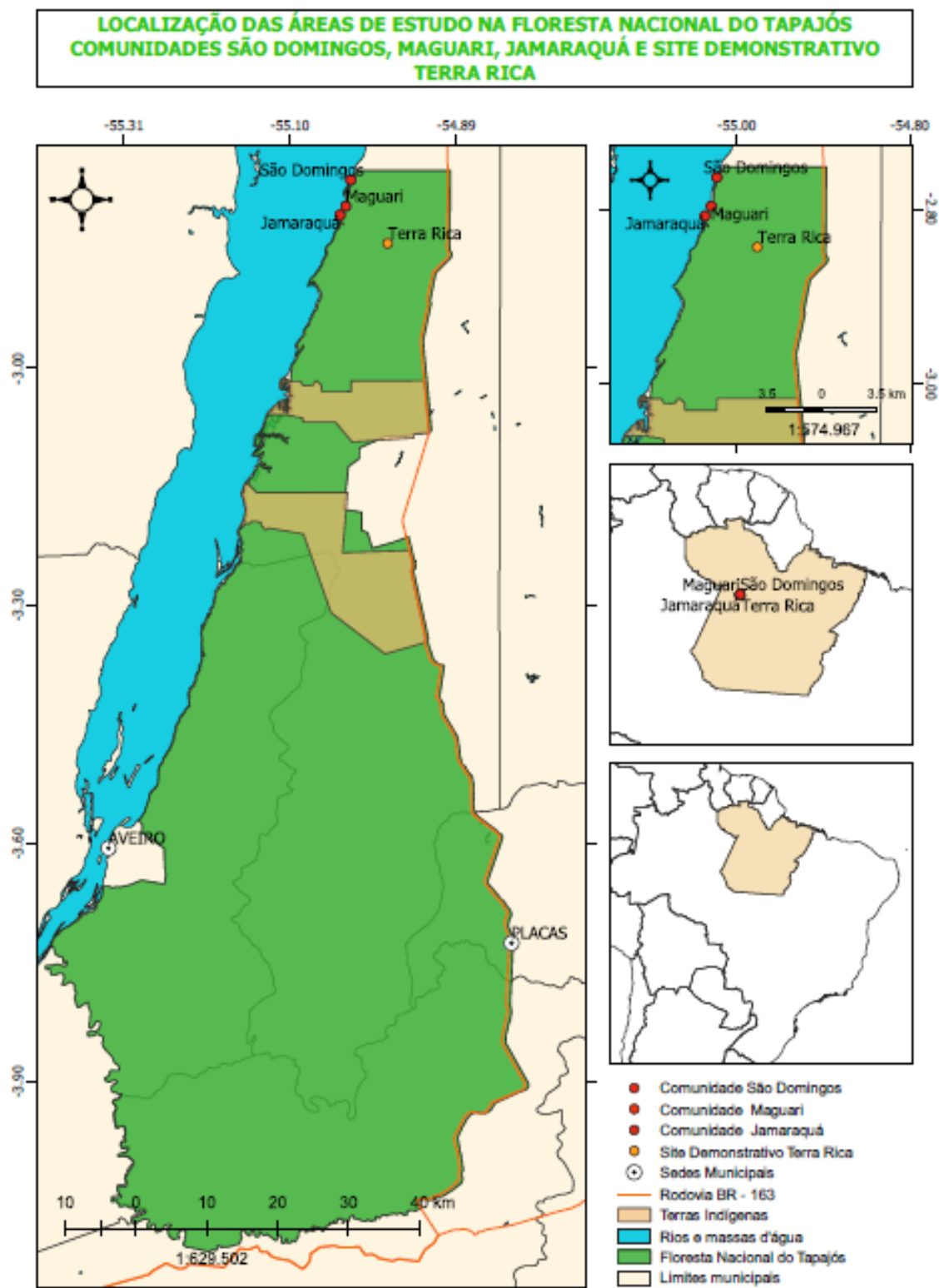


Figura 1 - Localização das áreas de estudo na Floresta Nacional do Tapajós. Fonte: Autores, 2020.

Segundo dados do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), a região da Flona do Tapajós é de clima equatorial quente e úmido e possui estações bem definidas com concentração de chuvas entre os meses de

janeiro e maio (Ibama, 2005). E de acordo com Oliveira *et al.* (2014), a precipitação média é de 2100 mm. O relevo da área da UC e de seu entorno estão inseridos às margens do rio Tapajós em uma superfície suave com baixa amplitude altimétrica. Foram identificadas cinco ordens de solo, sendo eles latossolos (predominância de 40% da área), argissolos (predominância de 38% da área), neossolos (ocorre em 7% da área), gleissolos e cambissolos (ocorre em menos de 1% da área); a área restante (14%) é tomada por água (ICMBio, 2019).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica a vegetação da área como Floresta Ombrófila Densa, (IBGE, 2012). Também abriga diversas espécies de grandes mamíferos, segundo pesquisa realizada por Sampaio *et al.* (2010), foram registradas 38 espécies de mamíferos de médio e grande porte em um segmento da Flona do Tapajós e em fragmentos florestais no seu entorno. Dentre as espécies ameaçadas de extinção foram registradas na Flona do Tapajós 55 espécies ameaçadas em nível nacional e 24 espécies em nível estadual no Pará, dentre elas estão o peixe-boi-amazônico *Trichechus inunguis* e o macaco coatá-de-testa-branca *Ateles marginatus*, que são usados na alimentação (ICMBio, 2019).

2.2 Tipo de Pesquisa e Coleta de Dados

Foi utilizado o método de pesquisa mista, ou seja, quantitativa e qualitativa. A primeira oferece a tradução em números das opiniões e informações para assim classificá-las e analisá-las, sendo essa abordagem muito utilizada em pesquisas descritivas, pois possibilita a análise e interação das variáveis a fim de entender o dinamismo dos experimentos em grupos sociais e na segunda, o pesquisador tem o local como fonte direta dos dados onde as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador (Fonseca, 2002; Prodanov & Freitas, 2013).

A pesquisa se caracteriza como de cunho exploratório e descritivo, tomando como método de coleta e análise de dados os preceitos da pesquisa qualitativa. A pesquisa exploratória tem como objetivo oferecer mais informações a respeito do assunto que está sendo investigado; assume, em geral, as formas de pesquisas bibliográficas e estudos de caso, conta com um planejamento flexível, o que permite o estudo do tema sob diversos ângulos e aspectos (Prodanov & Freitas, 2013). Segundo Prodanov & Freitas (2013) a pesquisa descritiva visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, o que envolve o uso de técnicas padronizadas de

coleta de dados, como questionário, entrevista, formulário e observação sistemática. Tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador.

Esse trabalho utilizou como meio de coleta dos dados o questionário. Para a construção do mesmo foi utilizado como base o formulário usado na pesquisa realizada pela Universidade de West Virginia (WVU) e pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), intitulada “Flona Tapajós - Pesquisa sobre Recreação e Uso Público” (Burns *et al.*, 2016). Foram elaboradas perguntas predominantemente fechadas, mantendo abertas somente questões numéricas como idade, renda, número de pessoas no grupo de visitação, bem como para sugestão de melhorias e/ou serviços.

O questionário foi traduzido para a língua inglesa para atender aos visitantes estrangeiros e foi estruturado com 24 perguntas, divididas em três blocos, sendo eles: aspectos socioeconômicos dos visitantes (7 perguntas); as experiências e expectativas do visitante (9 perguntas) e a motivação da viagem incluindo o entendimento do visitante sobre a importância da UC (8 perguntas).

A coleta de dados foi realizada nos meses de dezembro de 2020 a julho de 2021, período de alta temporada de visitação na região. As entrevistas foram realizadas com o apoio de brigadistas do ICMBio, onde os mesmos abordaram os visitantes após a realização das atividades turísticas com o objetivo de obter maior amplitude nas respostas.

2.3 Desenho Amostral

A definição da amostragem foi feita de acordo com o número de visitantes recebidos nas quatro localidades no ano de 2019. Para tanto foram considerados elementos como o tipo da amostragem, o tamanho da amostra, o coeficiente de confiabilidade, o universo da população e a margem de erro, conforme método adotado por Schluter (2003).

Para esta amostragem foi estabelecido uma margem de erro de 10% e confiabilidade de 90%. O cálculo amostral foi realizado no programa da Solvis, disponível no link: <<https://solvis.com.br/calculos-de-amostragem>>. Na Tabela 1 constam os números de entrevistas sugeridas para serem realizadas em cada localidade, e o total de visitantes em 2019 nesses locais.

Tabela 1 - Relação das localidades na Flona do Tapajós e número de questionários sugeridos para a coleta dos dados.

<i>Comunidades</i>	<i>Total de visitantes ano 2019</i>	<i>Amostragem/quantidade de questionários</i>
<i>São Domingos</i>	739	63
<i>Maguari</i>	4.343	68
<i>Jamaraquá</i>	5.235	68
<i>Terra Rica</i>	1.050	64
Total:	11.367	263

Fonte: Autores, 2020.

Em decorrência do estado de emergência de saúde pública de importância internacional do coronavírus (COVID-19), a visitação pública na Flona do Tapajós foi suspensa durante período de agravamento da doença, o que afetou a realização dessa pesquisa e por isso foi aplicado um total de 153 questionários.

2.4 Análise de Dados

Para melhor compreensão e análise dos resultados, os dados elencados foram submetidos a estatística descritiva e apresentados em tabelas e gráficos. A estatística descritiva possibilitou a descrição quantitativamente da realidade e caracterizou os indivíduos estudados.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Aspectos socioeconômicos dos visitantes

As mulheres foram as que mais visitaram a Flona do Tapajós (58% ou 88 visitantes entrevistados eram do sexo feminino). O número elevado de mulheres viajando, tanto sozinhas como em grupos, está relacionado, entre outros fatores, com a melhoria social e econômica das mesmas, atreladas a sua maior independência (Moutinho, 2000).

A maioria dos respondentes (44,4%) está na faixa etária de 21 a 30 anos (Tabela 2), sendo a média de idade de aproximadamente 22 anos, o que caracteriza um perfil de turistas jovens e adultos, que se encaixa no perfil de ecoturistas conforme os estudos de Ruschmann (2002). Uma porcentagem mínima (1,96%) dos visitantes tinha mais de 61 anos ou tinham entre 16 – 20 anos (1,96 %).

Tabela 2 - Divisão dos visitantes por faixa etária.

<i>Faixa Etária</i>	<i>Número de visitantes</i>	<i>%</i>
16-20	3	1,96
21-30	68	44,44
31-40	57	37,25
41-50	16	10,46
51-60	6	3,92
61-70	2	1,31
> 70	1	0,65

Fonte: Autores, 2021.

O meio de transporte mais utilizado para chegar a Flona Tapajós foi carro privado (41,1%), seguindo de barco/lancha (37,2%). A UC não está inserida em área de centro urbano e há apenas uma linha de ônibus que faz o transporte até as comunidades, uma vez por dia, de segunda a sábado. Diante disso, o acesso se torna mais viável aos visitantes com transportes terrestres e aquáticos próprios ou alugados. Os visitantes que acessam a UC pelo rio em grande parte se deslocam a partir da Vila de Alter do Chão, um dos principais pontos turísticos da região Oeste do Estado, através de passeios organizados pela Associação de Turismo Fluvial de Alter do Chão (Atufa) com viagem de aproximadamente 40 Km de distância e duração em média de quarenta minutos (Oliveira, 2021).

Além dos passeios organizados pela Atufa, os visitantes também chegam por meio da agência e operadora de turismo Vivalá, principalmente na comunidade de Maguari. A mesma desenvolve o turismo voluntário ou voluntarismo em UCs no Brasil, ou seja, a junção do TBC e do voluntariado (Vivalá, 2021).

Em relação ao estado civil, os respondentes apresentam-se majoritariamente na situação de solteiro (69,28 % dos visitantes), seguidos dos casados (24,8%) (Fig. 2) podendo ser um indicativo dos grupos de viagem em que eles se inserem.

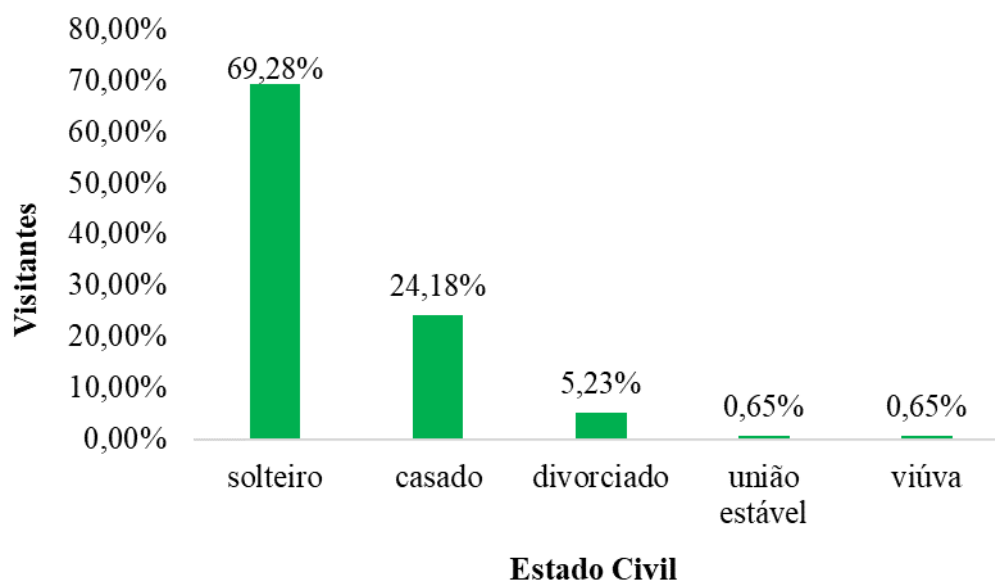


Figura 2 – Estado civil dos visitantes. Fonte: Autores, 2021.

A renda mensal dos visitantes, em sua maioria (69,08%), é superior a 3 salários-mínimos (Fig. 3). Esse perfil econômico é semelhante aos apresentados por Pivoto *et al.* (2018) no estudo sobre o perfil de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca em Minas Gerais que registrou média salarial de 4 a 10 salários-mínimos e no estudo “O Turista do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros/GO” e suas relações com a natureza, realizado por Garay (2017) onde a renda familiar mais frequente está entre 4 e 10 salários mínimos (38,30%).

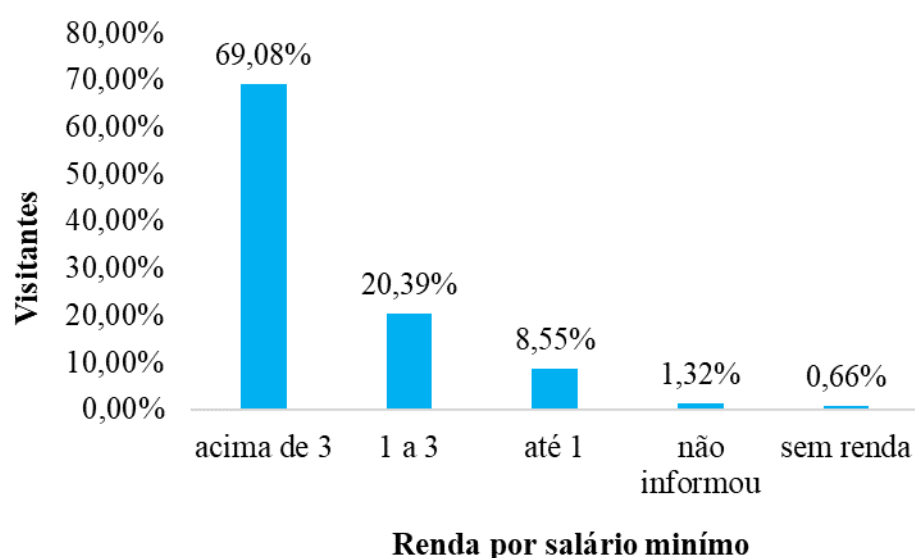


Figura 3 – Renda dos visitantes por salário-mínimo. Fonte: Autores, 2021.

Cerca de 65 visitantes (42,48%) possuem formação superior completa e 58 (37,91%) são pós-graduados, ou seja, mais de 80% dos visitantes da Flona do Tapajós são pessoas com alto grau de instrução (Fig. 4). Dados coletados entre 2014 e 2016 na UC mostraram que mais de dois terços (69,9%) dos entrevistados tinham ensino superior completo ou algum tipo de pós-graduação (Burns *et al.*, 2016). Um padrão similar de escolaridade foi registrado por Campos *et al.* (2011) no Parque Nacional Serra do Cipó em Minas Gerais onde a grande maioria (83%) tinha ensino superior, dentre os quais 23% eram pós-graduados.

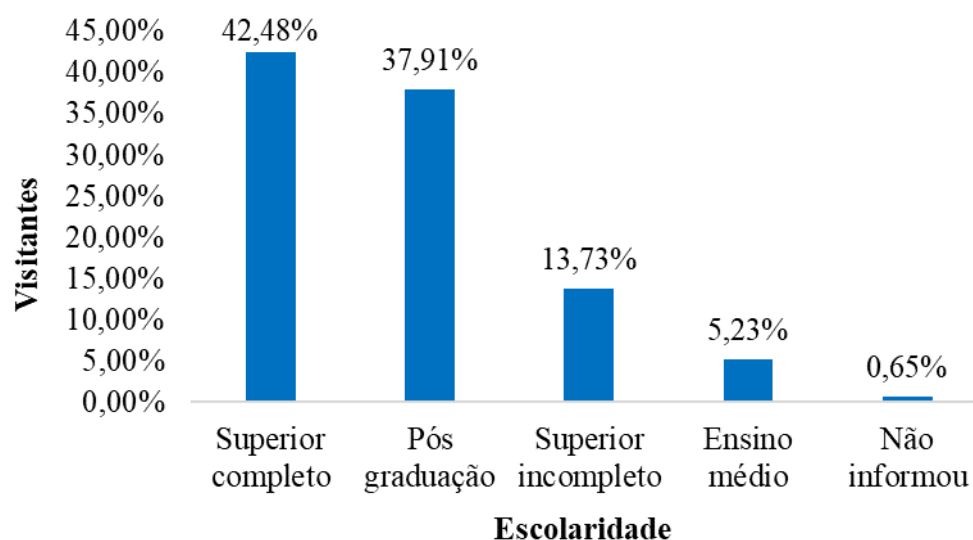


Figura 4 – Escolaridade dos visitantes. Fonte: Autores, 2021.

Estudos realizados por Mattos (2012) e Lopes Junior *et al.* (2020) na região do Parque Nacional do Jaú, no Amazonas, e no Parque Estadual de Ilha Grande, no Rio de Janeiro, evidenciaram que a maioria dos visitantes possuíam nível superior completo com 54% e 42% respectivamente. Os dados enfocam que o perfil do ecoturista está relacionado ao alto nível de escolaridade que normalmente os torna mais receptivos e conscientes das necessidades de conservação ambiental e das atratividades ecoturísticas. Logo, podem apresentar alto grau de comprometimento para a conservação destes locais e contribuir para o desenvolvimento de programas e projetos de educação ambiental (Barros & Dines, 2000).

Conforme os resultados apresentados podemos perceber que os visitantes de áreas protegidas geralmente possuem renda elevada e maior nível de escolaridade. E para ratificar tal informação, o estudo feito pelo Ministério do Turismo (MTur) em conjunto com a Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de

Aventura (Abeta), demonstra que o ecoturista tem poder aquisitivo médio, hábito de viajar em grupos, estudante de nível superior, entre outras coisas (Mtur, 2010).

Quando questionados a respeito de sua nacionalidade, os visitantes declararam, em sua maioria (140 entrevistados), serem brasileiros. Os demais entrevistados eram de Portugal, França, Suíça e Espanha (6,54%) (Tabela 3). Os estados do Pará (35,9%) e de São Paulo (33,3%) são os emissores mais expressivos, com 106 visitantes (Tabela 3).

Tabela 3 – País / Estado de origem dos visitantes.

<i>País</i>	<i>N° de visitantes</i>	<i>%</i>
<i>Suíça</i>	2	1,31
<i>Portugal</i>	4	2,61
<i>não informou</i>	3	1,96
<i>França</i>	2	1,31
<i>Espanha</i>	2	1,31
<i>Brasil / Estados:</i>	140	91,50
<i>Amazonas</i>	2	1,31
<i>Ceará</i>	3	1,96
<i>Espírito Santo</i>	1	0,65
<i>Goiás</i>	1	0,65
<i>Mato Grosso</i>	3	1,96
<i>Minas Gerais</i>	3	1,96
<i>não informou</i>	5	3,27
<i>Pará</i>	55	35,95
<i>Paraná</i>	6	3,92
<i>Pernambuco</i>	1	0,65
<i>Rio de Janeiro</i>	7	4,58
<i>Rio Grande do Sul</i>	2	1,31
<i>São Paulo</i>	51	33,33

Fonte: Autores, 2021.

O relatório da pesquisa Flona Tapajós - Pesquisa sobre Recreação e Uso Público (Burns *et al.*, 2016) também identificou que a maioria (69,6%) dos visitantes entrevistados eram brasileiros e originários do próprio estado (41,6%) e de São Paulo (23,2%) porém, diferente dos dados elencado nessa pesquisa, os autores registraram 30,4 % de turistas estrangeiros, sendo a França o país mais emissor (15,8%), seguido dos Estados Unidos (15,2%) e do Reino Unido (13,9%). O baixo número de visitantes estrangeiros na Flona do Tapajós pode ser justificado pelas restrições sanitárias

impostas no período pandêmico da Covid 19.

É importante destacar que, conforme dados do MTur (2021b), o fluxo doméstico de pessoas no Brasil é mais relevante que o internacional, pois corresponde a 89% dos desembarques nos aeroportos brasileiros. Possivelmente o menor custo e tempo de deslocamento facilita a chegada dos visitantes de cidades próximas à UC.

3.2 Experiências, expectativas e motivação dos visitantes

A maioria dos respondentes (72,5%) visitou a Flona do Tapajós pela primeira vez e 14,38% estava na UC pela segunda vez. A assiduidade com que o turista visita o destino acaba gerando uma relação mais comprometida do mesmo com os problemas socioambientais daquela região, podendo ocorrer como instrumento de pressão junto ao poder público para resolver problemas identificados na localidade (Ladeira *et al.*, 2007).

Tratando do tempo de antecedência que o visitante levou para planejar e organizar sua viagem, percebe-se que a maior parte decidiu visitar a Flona no mesmo dia da visita (20%), com 2-3 dias de antecedência (24%) ou 15-30 dias antes (18%). Quando comparamos ao estudo de Burns *et al.* (2016) podemos perceber que o tempo de planejamento se equivalem, pois foi identificado que 20% dos visitantes da Flona planejaram a visita no mesmo dia e mais de um quarto (29,4%) planejaram com 2- 3 dias de antecedência, sendo que a maior parte (71,1%) dos visitantes entrevistados, no período de 2014 a 2016, estavam em um passeio rápido de um dia.

A maioria dos respondentes (53%) pernitoou na UC e permaneceu por 2 dias (Tabela 4), resultados que se assemelham ao Perfil do visitante da Reserva Extrativista de Cururupu no Maranhão encontrado por Alvite *et al.* (2015) com curtas estadias de até 3 dias (72,1%) e coincidem com a pesquisa de Sansolo & Bursztyn (2009) onde a maior parte das experiências de TBC puderam ser realizadas entre 2 a 3 dias.

Tabela 4 – Duração da viagem em dias e horas.

Nº de respondentes	Nº dias	Nº de respondentes	Nº horas
33	2	29	6
12	3	10	5
10	4	9	7
2	5	9	2
2	1	6	3
1	4 a 7	5	4
2	15	4	8

4	10
4	1
1	12

Fonte: Autores, 2021.

O que leva a enquadrar os visitantes da Flona do Tapajós em turista e excursionista (32 % permaneceram 6 horas no local) conforme a Tabela 4. O visitante é classificado como turista quando sua viagem também inclui ao menos um pernoite no destino, já o excursionista é aquele que desenvolve apenas as atividades turísticas, mas não pernoita no local (ICMBio, 2018c).

As definições de excursionista e turista são adotadas pelo ICMBio (2018c) para definir os visitantes que frequentam as UCs com o propósito de uso recreativo, desportivo, educacional, cultural ou religioso, conceito esse que pode ser aplicado também às pessoas que visitam estruturas ligadas aos centros nacionais de pesquisa e conservação. Os visitantes ou os excursionistas que procuram a área têm como objetivos desfrutar de momentos agradáveis, majoritariamente em seu tempo livre, durante férias, feriados e finais de semana (ICMBio, 2018c).

A respeito de algumas características da viagem, é relevante destacar que 47 participantes (30,72%) da pesquisa faziam parte de grupos compostos por amigos seguido dos grupos compostos por casais (17,65%), 5,23% estavam sozinhos e os grupos formados por família e família e amigos juntos representaram 30,06% (Fig. 5). O que é correspondente aos dados alcançados por Pivoto *et al* (2018) no Parque Estadual do Ibitipoca em Minas Gerais, onde os visitantes viajam em casal (37%) e com amigos (35%). Um estudo sobre as características das viagens realizadas por brasileiros mostrou que 42,5 % das viagens de cunho pessoal a lazer são realizadas em grupos com dois ou três viajantes (MTur, 2020).

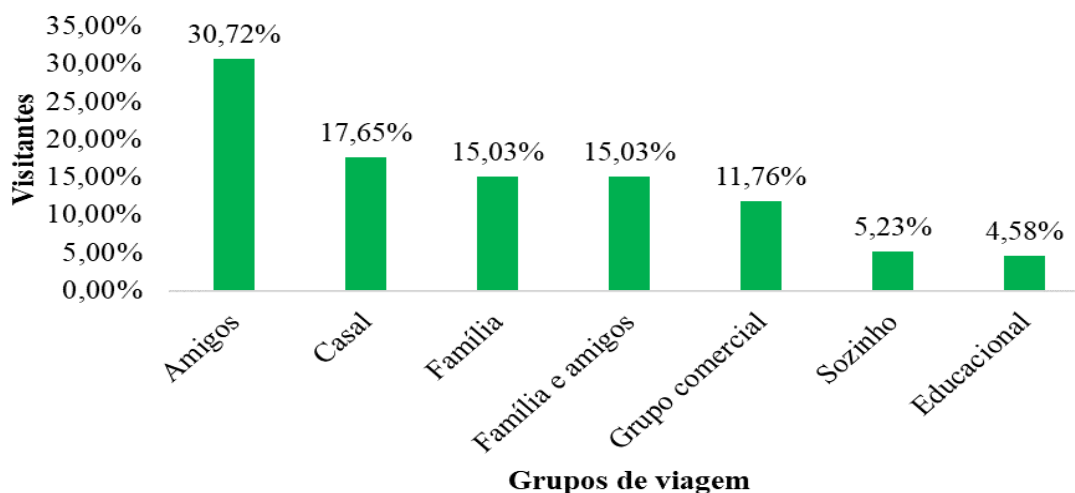


Figura 5 – Composição dos grupos de viagem. Fonte: Autores, 2021.

As motivações para visitar uma determinada localidade podem se encaixar em três categorias: férias, negócios e outros motivos (Halloway, 2007). No caso da Flona do Tapajós, os entrevistados puderam escolher mais de uma alternativa e 34% apontaram como principal motivo da viagem o contato com a natureza e 29% informaram conhecer a cultura da região (Tabela 5).

Tabela 5 – Motivação da viagem.

<i>Motivação da viagem</i>	<i>Nº de respostas</i>	<i>%</i>
<i>Contato com a natureza</i>	81	33,75
<i>Conhecer a cultura da região</i>	69	28,75
<i>Gostar do lugar em si</i>	42	17,50
<i>Praticar atividades ao ar livre</i>	15	6,25
<i>Passar mais tempo com amigos e família</i>	15	6,25
<i>Voluntariado</i>	8	3,33
<i>Passar mais tempo com amigos</i>	5	2,08
<i>Próximo de casa</i>	3	1,25
<i>Não informou</i>	2	0,83

Fonte: Autores, 2021.

A motivação cultural, encaixa, facilmente, como fator determinante ou secundário de qualquer tipo de viagem, ou seja, o patrimônio cultural motiva os visitantes pela sua dimensão de educação e os visitantes sentem uma ligação especial com o destino através dos conhecimentos adquiridos e os contatos humanos

estabelecidos (Halloway, 2007).

O estudo de Vidal *et al.* (2013) que teve como objetivo estudar o perfil e a percepção ambiental dos visitantes do flutuante dos botos no Parque Nacional de Anavilhanas, estado do Amazonas, obteve também como principal resposta (a maioria dos entrevistados 31,1%) a motivação principal da viagem era conhecer e/ou apreciar a natureza, enquanto os outros 20 (16,8%) queriam conhecer e/ou apreciar a natureza e conhecer a cultura local.

O Ministério do Turismo identificou que em 2019 das 21,4 milhões de viagens analisadas, 96,1% foram para dentro do Brasil, das quais 86,3% foram por motivos pessoais onde 31,5% foram motivadas pelo lazer. Das viagens a lazer 34,3% tiveram como motivo sol e praia, 27,2% foram por cultura, 25,6% para interação com a natureza, ecoturismo ou aventura e o restante (12,9%) por outros motivos (MTur, 2020).

Diante disso, o ICMBio ao possibilitar a visitação em áreas protegidas oferece ao usuário a oportunidade recreativa diversificada e de qualidade, além de chamar a atenção para a importância da conservação do patrimônio natural e cultural (ICMBio, 2021).

Ao serem pedidos para que classificassem o segmento turístico ao qual achavam que sua visitação se encaixava, cerca de 31,62% dos visitantes relacionaram a viagem como pertencente ao segmento ecoturismo, seguido de 24,63% que opinaram por turismo de natureza e 18,38% responderam que seu grupo se encaixava no segmento de turismo cultural (Tabela 6).

Tabela 6 – Segmentos turísticos identificados.

<i>Segmento turístico</i>	<i>Número de entrevistados</i>	<i>%</i>
<i>Ecoturismo</i>	86	31,62
<i>Turismo de natureza</i>	67	24,63
<i>Turismo cultural</i>	50	18,38
<i>Turismo de aventura</i>	34	12,50
<i>Turismo de sol e praia</i>	23	8,46
<i>Turismo voluntário</i>	8	2,94
<i>Turismo náutico</i>	3	1,10
<i>Turismo social</i>	1	0,37

Fonte: Autores, 2021.

A partir desse cenário, deve-se diferenciar o ecoturismo do turismo de natureza, que normalmente são utilizados como “sinônimos”. O ecoturismo está contido no

turismo de natureza, que abrange todas as modalidades de turismo realizadas no ambiente natural, como o ecoturismo, o turismo de aventura, o turismo de caça e pesca (Wearing & Neil, 2014). Porém, o perfil do ecoturista está relacionado ao alto nível de escolaridade que normalmente os torna mais receptivos e conscientes das necessidades de conservação ambiental e das atratividades ecoturísticas, logo, podem apresentar um alto grau de comprometimento para a conservação destes locais (Barros & Dines, 2000).

O turismo cultural também aparece como destaque de segmento e motivação da viagem (Tabela 6), podendo ser entendido como fluxo de pessoas que buscam conhecer a cultura, história e as manifestações culturais e artísticas de outros locais que não sejam os seus de residência com a intenção de enriquecimento pessoal (Marques, 2011).

Nos anos de 2015 e 2017 o país alcançou o 1º lugar no ranking de competitividade em viagens e turismo no quesito “recursos naturais” (Crotti & Misrahi 2015, 2017), o que deixa claro o enorme potencial quando se trata do turismo de aventura. Este foi o quarto segmento mais indicado pelos participantes da pesquisa. Porém uma confusão recorrente é entre as definições dos segmentos de ecoturismo e turismo de aventura, já que ambos ocorrem em ambientes naturais e se preocupam em minimizar seus impactos, mas eles divergem em alguns pontos. Hintze (2009) aponta uma diferença básica entre eles: a educação ambiental que faz parte conceitualmente do ecoturismo, mas não do turismo de aventura.

Para as atividades turísticas na Flona do Tapajós os respondentes elencaram duas ou mais que foram realizadas (Tabela 7), a mais comum foi caminhada/trilha (24,18%).

Tabela 7 – Atividades desenvolvidas pelos visitantes na Flona do Tapajós.

<i>Atividades</i>	<i>Nº de respostas</i>	<i>%</i>
<i>Caminhada/ Trilha</i>	<i>133</i>	<i>24,18</i>
<i>Banho de igarapé</i>	<i>95</i>	<i>17,27</i>
<i>Almoço na comunidade</i>	<i>94</i>	<i>17,09</i>
<i>Banho de praia</i>	<i>67</i>	<i>12,18</i>
<i>Compra de artesanato</i>	<i>58</i>	<i>10,55</i>
<i>Passeio de canoa/ Barco</i>	<i>52</i>	<i>9,45</i>
<i>Observar animais</i>	<i>40</i>	<i>7,27</i>
<i>Piracaiá</i>	<i>7</i>	<i>1,27</i>
<i>Pesquisa de campo</i>	<i>3</i>	<i>0,55</i>
<i>Pic-nic/ Churrasco</i>	<i>1</i>	<i>0,18</i>

Fonte: Autores, 2021.

Um dos principais objetivos das trilhas de uso público em áreas naturais é atender a ânsia por recreação dos visitantes, com segurança e conforto, sem fazer o ambiente perder sua estabilidade (Andrade, 2005).

Os entrevistados também relataram (Tabela 7) banho de igarapé (17,27 %), almoço na comunidade (17,09 %), banho de praia (12,18 %) e compra de artesanato (10,55 %). Ao compararmos com os resultados de Burns *et al.* (2016) verificou-se que os visitantes da UC seguem desenvolvendo as mesmas atividades identificadas nos anos de 2014 a 2016.

A avaliação dos itens que contribuíram com a experiência da visita, tais como a limpeza, as condições da trilha, as vias de acesso, as instalações, atividades turísticas e interpretação ambiental no geral foram indicadas como excelente (Fig. 6). As atividades turísticas no geral foram melhor avaliadas, pois não tiveram nenhuma nota ruim, o que demonstra a elevada satisfação com as atividades ofertadas pelas comunidades, além do atendimento dado pelos operadores de turismo.

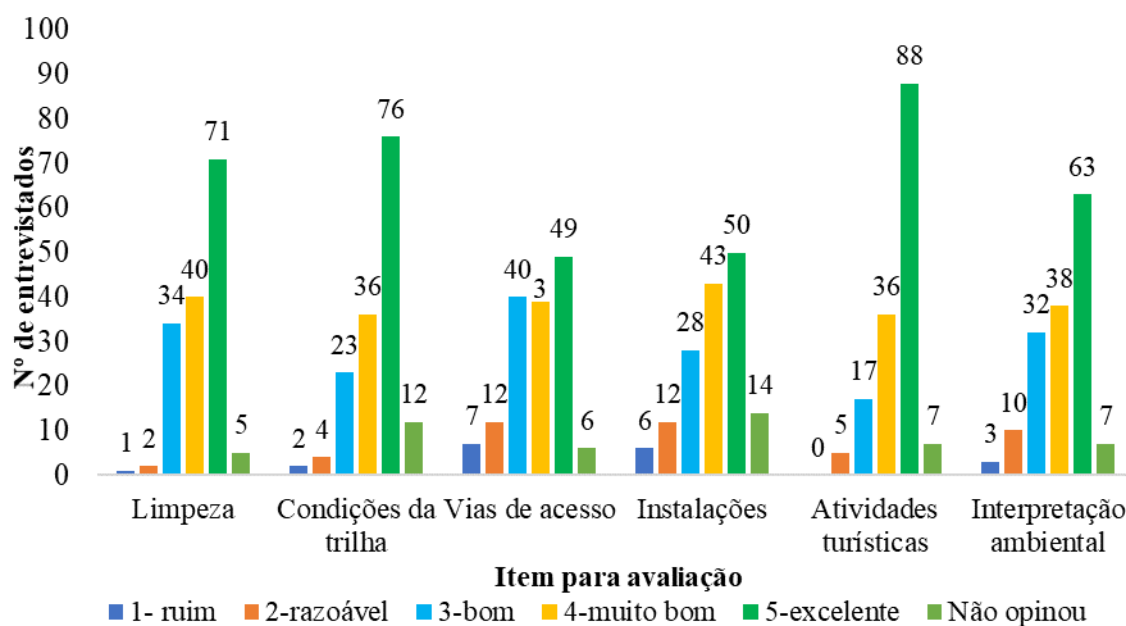


Figura 6 – Avaliação da experiência do visitante por item. Fonte: Autores, 2021.

As condições das trilhas foram o segundo item melhor avaliado (Fig. 6), isso significa que as trilhas encontram-se limpas e com a manutenção em dia, e a quantidade de pessoas ao mesmo tempo não está gerando insatisfação no visitante que está fazendo

a trilha. As trilhas (12,14%) e igarapés (12,62%) foram elencados como o que se “mais gostou” quando questionados a respeito da experiência da visita.

Entretanto as vias de acesso e instalações foram os que mais receberam notas 1, que indica uma avaliação ruim, com respectivamente 7 e 6 pontuações. Além disso, 9,46% dos participantes da pesquisa relataram incômodo com a falta de infraestrutura nos meios de hospedagem e alimentação quando questionados o que se “menos gostou” durante a visita.

A construção e manutenção das instalações são realizadas pelos prestadores de serviços das comunidades. O resultado, mesmo que negativo, deve ser considerado pelos prestadores de serviços pois, segundo Costa (2002), a oferta de infraestrutura mínima é ponto fundamental para o atendimento às necessidades da demanda turística.

No caso das vias de acesso parte do trecho é pavimentado e a outra parte é estrada de terra com a presença de buracos, o que acaba comprometendo a experiência dos visitantes. A manutenção do trecho pavimentado, de Santarém até a entrada do acesso a praia de Aramanaí, é de responsabilidade do governo federal e a manutenção da estrada de terra é do município de Belterra.

A maioria dos visitantes (74%) tinha consciência que estavam em uma unidade de conservação, destes, 26,1% tomou conhecimento através da internet e 11,7% diz ter sabido por meio de amigos; 32,0% não respondeu e as demais respostas não tiveram um número expressivo que tivesse relevância citar. Fato esse que se iguala ao observado em outras UCs, como a encontrada por Alvite *et al.* (2015) onde a indicação de amigos e parentes foi de 41%, seguida pelas informações disponíveis nos meios de comunicação, como internet (21%) e reportagens na mídia (20%), e a estudada por Campos *et al.* (2011) onde 80% tomou conhecimento sobre a Serra do Cipó através de amigos e parentes.

Nas perguntas sobre intenção de retorno e recomendação do destino turístico, 99% dos entrevistados manifestaram o interesse em retornar e indicar o local. Estas questões ambicionavam perceber o nível de satisfação da visita através da recomendação a outros indivíduos. No estudo de Burns *et al.* (2016) uma grande proporção (96,8%) dos visitantes responderam que retornariam à Flona do Tapajós.

Para a avaliação da experiência como um todo, em uma escala de 1 a 5, onde 5 é excelente e 1 ruim, a maioria (55%) disse ter uma excelente experiência e 3% dos respondentes não responderam. Parte dos visitantes (31,12%) afirmou que não tinha observações a fazer. Petrocchi (1998) atenta que a avaliação que o turista faz da visita

quando positiva influenciará outros que poderão ir àquele destino mas, se a avaliação for negativa, muitos visitantes poderão resolver visitar outros destinos, já que a oferta no mercado turístico é significativa.

Por fim, os interlocutores indicaram as intervenções necessárias para melhorar a experiência da visita na Flona do Tapajós. O acesso à comunidade foi indicado por 8,16% dos entrevistados, corroborando com a avaliação negativa que recebeu na questão sobre qualidade da experiência da visita. A infraestrutura, incluindo as hospedarias, a construção de banheiros públicos e restaurantes, também precisam de melhorias, segundo 9,69% dos visitantes. Além disso, 12,75% indicaram que é necessária mais sinalização informativa sobre a fauna, a flora, os locais de pernoite e de refeição, lojas de artesanato, trilhas e atrativos. O restante indicou a necessidade de diversificar as atividades turísticas (2,55%), capacitar os guias (2,04%) e que o preço da hospedagem deve ser equiparado às condições locais (1,53%).

4. CONCLUSÃO

Os resultados do estudo sobre o perfil de visitantes na Floresta Nacional do Tapajós revelam a grande representatividade da UC para o turismo na região. Desse modo, estudos sobre perfil de visitantes em unidades de conservação e os motivos que levam os visitantes a área podem ser específicos ou genéricos, ou seja, os visitantes buscam certos ambientes que sejam capazes de atender suas motivações particulares e as experiências desejadas.

Em relação ao perfil socioeconômico do visitante, a maioria é de mulheres e compreende a faixa etária entre 21 e 30 anos, solteiros com renda acima de 3 salários-mínimos e em grande parte em grupos formados por amigos, além de terem um nível de escolaridade elevado como graduação e pós-graduação. Características estas atreladas normalmente ao perfil do ecoturista. Outro ponto obtido de relevância é o fato de os visitantes serem de forma expressiva de brasileiros, tendo como os principais estados emissores o próprio Pará e São Paulo.

Nos aspectos da motivação da visita, atividades realizadas e segmento turístico ao qual o visitante se assemelha, eles encontram-se relacionados. Ou seja, a maior parte dos entrevistados interpreta sua experiência de visita como sendo “ecoturismo” ou “turismo de natureza”, com foco no contato com o meio natural, descanso e contemplação da paisagem, realizando atividades como caminhadas/ trilhas, banhos de igarapé. Em relação à avaliação sobre a visita na Flona do Tapajós, a pesquisa

aponta para um alto nível de satisfação em relação às experiências vivenciadas.

Percebe-se que quase a totalidade dos respondentes avaliaram a sua experiência na UC positivamente, o que cabe ressaltar o alto índice de satisfação dos turistas em relação às vivências realizadas, que é uma característica do TBC realizado na área. O elevado nível de escolaridade dos visitantes na Flona do Tapajós pode ser um ponto favorável para o desenvolvimento de programas e projetos de educação ambiental, já que os mesmos são dotados de uma bagagem educacional que facilitaria o entendimento das estratégias utilizadas para fins de diminuição dos impactos do turismo no ambiente.

Diante dos resultados obtidos, o estudo mostrou que os visitantes da UC estão divididos basicamente entre excursionistas e turistas. Sendo em sua grande maioria o excursionista que é aquele visitante que mora nas cidades próximas ou que chegaram à Flona do Tapajós para passeios rápidos saindo da Vila de Alter do Chão.

Considerando que o ecoturismo é uma das atividades que pode contribuir para a materialização da visão de futuro da Flona do Tapajós é necessário adotar estratégias para melhorar a experiência do visitante e, conseqüentemente, aumentar o número de visitantes na UC. As sugestões dos interlocutores deverão ser consideradas tanto pelo órgão gestor como pelos prestadores de serviços turísticos nas comunidades. A diversificação das experiências também deve ser considerada para atender os anseios dos visitantes.

REFERÊNCIAS

- Agência Pará. Estado do Pará mantém a marca de 1 milhão de turistas em 2019. <<https://agenciapara.com.br/noticia/20084/>>. Acesso em 28/10/2021.
- Alvite CC, Vidal MD, Borreani OHP, Borba ECM. Perfil da visitação na Ilha dos Lençóis, comunidade de pescadores tradicionais, Reserva Extrativista de Cururupu (MA). *Revista Brasileira de Ecoturismo*, 7 (4): 656-680, nov2014-jan2015.
- Andrade WJ. 2005. Manejo de trilhas para o ecoturismo. In: *Ecoturismo no Brasil*, Mendonça R, Neiman Z (orgs.). Manole.
- Barros M, Dines M. 2000. Mínimo impacto em áreas naturais: uma mudança de atitude, p.47-84. In: Serrano, C. (org.). *A educação pelas pedras: ecoturismo e educação ambiental*. São Paulo: Chronos.
- Brasil. 1994. Diretrizes para uma Política Nacional de Ecoturismo. 47p.
- Brasil. 2018. Ministério do Meio Ambiente. Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade. Instrução Normativa nº5, de 1 de junho de 2018. *Diário Oficial da União*.
- Burns RC, Moreira JC, Chuprinko TL, Gregory L. Relatório Interno sobre a recreação e uso público na Flona do Tapajós. Universidade de West Virginia (WVU), Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). p. 32, 2016.
- Campos RF, Vasconcelos FCW, Félix LAG. A Importância da Caracterização dos Visitantes nas Ações de Ecoturismo e Educação Ambiental do Parque Nacional da Serra do Cipó/MG. *Turismo em Análise*. 22 (2): 397- 427, 2011.
- Costa PC. 2002. Unidades de Conservação: matéria-prima do ecoturismo. *Série Turismo*. Aleph.
- Crotti R, Misrahi T. *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2015: Growth through Shocks*. World Economic Forum: Geneva, Suíça. 2015.
- Crotti R, Misrahi T. *The Travel & Tourism Competitiveness Report 2017: Paving the way for a more sustainable and inclusive future*. World Economic Fórum: Geneva, Suíça. 2017.

Dias R. 2005. Introdução ao Turismo. Atlas. 178p.

Faria HH, Lutgens HD. 1997. Estudo da capacidade de carga turística de uma Área de Recreação da Estação Experimental e Ecológica de Itirapina. 365-372 p. In: Anais do Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação.

Figueiredo SJL, Nobrega W. 2015. Turismo e desenvolvimento regional: conceitos e políticas em um caso brasileiro, p. 11 – 37. In: FIGUEIREDO, S. J. L; NOBREGA, W; AZEVEDO, F (orgs.). Perspectivas contemporâneas de análise em turismo. NAEA/UFPA. 376p.

Fonseca JJS. 2002. Metodologia da pesquisa científica. Universidade Estadual do Ceará. 127p.

Garay N, Cunha A. 2017. O perfil ambiental dos visitantes dos Parques Nacionais Brasileiros. In: Anais do Seminário da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo (ANPTUR).

Hamoy JA, Farias KS, Figueiredo SL. 2016. Turismo, desenvolvimento e políticas públicas, p.421-445. In: Bahia MC, Figueiredo, SL. (orgs.). Planejamento e gestão pública do turismo e do lazer. NAEA/UFPA, 446p.

Halloway C. 2007. The Business of Tourism, Prentice Hall. Financial Times.

Hintze HC. Ecoturismo na cultura de consumo: possibilidade de educação ambiental ou espetáculo? Revista Brasileira de Ecoturismo, 2 (1): 57-100, 2009.

Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). Floresta Nacional do Tapajós- Plano de Manejo. Santarém, 2005.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). 2012. Manual Técnico da Vegetação Brasileira. 2 ed. 271 p.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Diagnóstico do monitoramento do perfil e da qualidade da experiência da visitação em unidades de conservação federais. Brasília, 2021.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), 2020a. Floresta Nacional do Tapajós- Guia do Visitante. < <http://www.icmbio.gov.br/flonatapajos/guia->

do-visitante >. Acesso em 06/01/2020.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade), 2020b. Monitoramento da Visitação em Unidades de Conservação Federais: Resultados de 2019 e Breve Panorama Histórico, Brasília.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Floresta Nacional do Tapajós- Plano de Manejo, v.1. Santarém, 2019.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Turismo de Base Comunitária em Unidades de Conservação: Princípios e Diretrizes. Brasília, 2018a .

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Roteiro metodológico para elaboração e revisão de planos de manejo das unidades de conservação. Brasília, 2018b.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Interpretação ambiental nas unidades de conservação federais. Brasília, 2018c.

ICMBio (Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade). Contribuições do Turismo em Unidades de Conservação Federais para a Economia Brasileira - Efeitos dos Gastos dos Visitantes em 2015: Sumário Executivo. Brasília, 2017.

Ladeira AS, Ribeiro GA, Dias HCT, Schaefer CEGR, Filho EF, Filho ATO. O perfil dos visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca (PEIb), Lima Duarte, MG. R. Árvore, 31 (6): 1091-1098, 2007.

Lopes Júnior WM, Hanai FY, Ribas LCPS. O perfil dos turistas com destino à Ilha Grande, Angra dos Reis (RJ) no verão de 2018. Revista Brasileira de Ecoturismo, 13 (3): 534-555, 2020.

Mattos GE. 2012. Ordenamento do turismo de observação de animais em Unidades de Conservação: mamíferos aquáticos no Parque Nacional do Jaú, Amazonas, Brasil. Dissertação (mestrado).71p.

Moutinho L. 2000. Segmentation, targeting, positioning and strategic marketing, p. 121-166. In: Strategic management in tourism New York: CABI Publishing, L. Moutinho.

MTur (Ministério do Turismo). 2021a. Cresce a participação do Turismo no PIB

nacional. <<http://www.turismo.gov.br/%C3%BAltimas-not%C3%ADcias/12461-cresceaparticipa%C3%A7%C3%A3o-do-turismo-no-pib-nacional.html>>. Acesso em: 30/06 2021.

MTur (Ministério do Turismo). 2021b. Anuário Estatístico de Turismo 2020. 2 ed. Dados & Informações. 412 p.

MTur (Ministério do Turismo). Boletim do turismo doméstico brasileiro. Dados e Informações. 2020.

MTur (Ministério do Turismo). Estudo da demanda turística internacional. Brasília, 2018.

MTur (Ministério do Turismo). Plano Nacional do Turismo 2018-2022 mais emprego e renda para o Brasil. Brasília, 2017.

MTur (Ministério do Turismo), Abeta (Associação Brasileira das Empresas de Ecoturismo e Turismo de Aventura). 2010. Perfil do turista de aventura e do ecoturista no Brasil.96p.

Niefer IA. Análise do perfil dos visitantes das ilhas de Superagüi e do Mel: marketing como instrumento para um turismo sustentável. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia Florestal). Universidade Federal do Paraná. 237f.

Oliveira DP, Hrbek T, Gordo M, Oliveira E, Rojas R, Azarak P, Vieira J, Menin M, Farias IP. 2014. Herpetofauna da Floresta Nacional do Tapajós e Reserva Extrativista Tapajós-Arapiuns, Pará, Brasil, p. 173-183. In: Anais II Seminário de Pesquisa Científica da Floresta Nacional do Tapajós, Pará, Brasil. 305p.

Oliveira ECP, Lameira CRB, Bezzerá ANS. 2011. Produção sazonal do óleo resina de *Copaifera reticulata* Ducke no KM 67 DA Flona do Tapajós-PA, 60-65p. In: I Seminário de Pesquisas Científicas da Floresta Nacional do Tapajós.147p.

Oliveira, AP. 2021. Turismo em Unidade de Conservação na Amazônia Legal: uma análise a partir do Parque Estadual do Jalapão e da Floresta Nacional do Tapajós. Tese (doutorado), Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Geografia, 254p.

OMT (Organização Mundial do Turismo). 2001. Introdução ao turismo. 1 ed. Roca.

Petrocchi, M. 1998. Turismo: planejamento e gestão. 3 ed. Futura. 381p.

Pinheiro CV, Moraes EA. 2016. Turismo de base comunitária: refletindo sobre as relações de hospitalidade na Serra do Brigadeiro – MG/brasil, p. 91-106. In: Anais do I Seminário Nacional de Turismo e Cultura. 458p.

Pivoto AS, Alves AF, Rocha MCR. Ecoturismo em áreas protegidas: um olhar sobre o perfil de visitantes do Parque Estadual do Ibitipoca, Minas Gerais, Brasil. Revista GEOgrafias, 26 (2): 54-79. 2018.

Prodanov CC, Freitas EC. 2013. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Feevale. 277 p.

Ruschmann DM. 2002. Turismo no Brasil: análise e tendências. Manole, 165 p.

Sampaio R, Lima AP, Magnusson WE, Peres CA. Long-term Persistence of Midsized to Large-bodied Mammals in Amazonian Landscapes Under Varying Contexts of Forest Cover. In: Biodiversity Conservation. v.19, p.2421-2439, 2010.

Sansolo DG, Bursztyn I. 2009. Turismo de base comunitária: potencialidade no espaço rural brasileiro, p. 142-161. In: Bartolo R, Sansolo DG, Bursztyn, I (orgs.). Turismo de base comunitária: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Letra e Imagem. 495p.

SETUR (Secretaria de Estado de Turismo do Pará). 2017. Boletim do Turismo do Estado do Pará. 64p.

SOLVIS. Cálculos de amostragem. <<https://solvis.com.br/calculos-de-amostragem>>. Acesso em: 18/06/2020.

Schuter RG. 2003. Gastronomia e Turismo. Aleph

Vidal MD, Santos PMC, Oliveira CV, Melo LC. Perfil e Percepção Ambiental dos visitantes do flutuante dos botos, Parque Nacional de Anavilhanas, Novo Airão – AM. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. 7(3): 419-435, 2013.

Vivalá. Como funciona. <<https://vivala.com.br/como-funciona/>>. Acesso em:

05/12/2021.

Wearing S, Neil J. 2014. Ecoturismo: impactos, potencialidades e possibilidades. 2 ed. Manole.